

A construção das masculinidades dos trabalhadores das minas de carvão em Santa Catarina (1940-1970)

The construction of the masculinities of workers in coal mines in Santa Catarina (1940-1970)

Bruno Mandelli*

Resumo: Este artigo abordará a construção das masculinidades e da cultura de virilidade na categoria dos mineiros de carvão no Sul do Brasil, na região carbonífera de Santa Catarina, entre as décadas de 1940 a 1970. A partir dos referenciais de masculinidade e masculinidade hegemônica, primeiro será analisado o mineiro em seu ambiente de trabalho, as minas de carvão, por ser o espaço onde mais tempo passavam. Em seguida, percorreremos outros espaços de sociabilidades masculinas, como os bares, as zonas de prostituição e as rinhas de galo, para identificar outros locais onde tais práticas eram reproduzidas socialmente. Portanto, a partir de aspectos de uma cultura de classe, será discutido como a construção da honra masculina e de suas práticas sociais estão imbricadas na formação da masculinidade dos mineiros como um elemento central de suas vidas.

Palavras-chave: masculinidade; mineiros; cultura de classe.

Abstract: This article will address the construction of masculinities and the culture of virility in the category of coal miners in southern Brazil, in the coal region of Santa Catarina between the 1940s and 1970s. From the references of masculinity and hegemonic masculinity, first the miner will be analyzed in his work environment, the coal mines, as they were the space where they spent the most time. Then, we will go through other spaces of male sociability, such as bars, prostitution areas and cockfights, to identify other places where such practices were socially reproduced. Therefore, from aspects of a class culture, it will be discussed how

* Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: bruno.o.mandelli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3584-1806>.

the construction of male honor and its social practices are intertwined in the formation of masculinity of miners as a central element of their lives.

Keywords: masculinity; miners; class culture.

Introdução

ESTE ARTIGO abordará a construção das masculinidades e da cultura de virilidade na categoria dos mineiros de carvão no Sul do Brasil, na região carbonífera de Santa Catarina, entre as décadas de 1940 a 1970. Historicamente foi construída a ideia de que o trabalho no subterrâneo, por ser perigoso e insalubre, não era serviço para as mulheres, percebidas por setores da sociedade (como médicos, proprietários das minas, engenheiros) como “frágeis” e “menos capazes” de exercerem um trabalho que demandava grande esforço físico, como a mineração. Extrair o “ouro negro” do subsolo, portanto, sempre foi encarado como uma tarefa masculina, como constatou Barrientos em sua pesquisa sobre os mineiros de cobre no norte do Chile.¹

Contudo, esse discurso não encontra respaldo na realidade vivida nas minas de carvão em Santa Catarina, onde o trabalho feminino constituiu, desde o começo da mineração até meados da década de 1960, uma parcela importante da mão de obra.² Os salários mais altos na hierarquia das empresas eram destinados aos homens que ocupavam os postos de chefia, como os engenheiros. Na sequência, vinham os cargos de capataz/feitor da mina; o de mineiro (que era uma espécie de empreiteiro responsável pela exploração do carvão em uma galeria); o de ajudante de mineiro; o de diarista/tarefeiro, pago por dia trabalhado; e, por último, o de escolhedeira, que era o salário mais baixo de toda a categoria. Portanto, historicamente os homens ocuparam os postos mais altos e melhores remunerados, seja na administração das empresas ou no setor de produção, conformando o que Kergoat denomina divisão sexual do trabalho.³

1 BARRIENTOS, Jaime. Minería, género y cultura: una aproximación etnográfica a espacios de esparcimiento y diversion masculina en el norte del Chile. **AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 4, n. 3, p. 385-408, 2009.

2 O trabalho delas consistia na escolha do carvão – por isso, inclusive, eram chamadas popularmente de escolhedeiros –, uma etapa fundamental da extração do carvão mineral em um período de pouca mecanização, quando o trabalho era todo praticamente manual. Como já constatei em trabalho anterior, a mão de obra feminina foi fundamental para o processo de consolidação e expansão da indústria carbonífera catarinense devido aos seus salários serem praticamente um quarto do pago aos homens, e, portanto, uma medida de economia para as empresas mineradoras e de maximização de lucros.

3 Para Danielle Kergoat, essa divisão sexual do trabalho se deu através de mecanismos de hierarquização (em que o trabalho do homem é superior ao da mulher) e de separação (existem trabalhos destinados aos homens e aqueles destinados às mulheres). Trata-se de uma forma de dominação caracterizada pela “destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor agregado (políticas, religiosas, militares)”. KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 68.

Várias pesquisas já contribuíram para desconstruir essa falsa ideia de que o papel do feminino era do trabalho “leve” e doméstico, e do masculino o trabalho “pesado”.⁴ Contudo, ainda não há pesquisas que questionem a construção da própria ideia de masculinidade nas minas de carvão, bem como o aspecto da dominação masculina em uma comunidade marcada por relações desiguais de gênero e de classe. Nesse aspecto, concorda-se com Bourdieu:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação; a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça.⁵

Embora Bourdieu estivesse tratando da sociedade berbere da Cabília como uma experiência de análise sociológica, é possível estabelecer aproximações no modo como a dominação masculina aparece como algo naturalizado na realidade das minas de carvão de Santa Catarina, conforme veremos.

O nosso intento, portanto, é desconstruir essa visão preestabelecida e problematizar o processo de constituição da masculinidade dos trabalhadores da mineração, pois como problematizou Kimmel, a masculinidade não é algo estável ou linear, visto que ela necessita de provas constantes para sua validação.⁶

Com base na problemática apontada, buscamos neste artigo responder à seguinte questão: como se engendra esse processo de dominação masculina através de símbolos do universo masculino partilhado pelos mineiros de carvão? Para tentar responder a esta pergunta, partiremos primeiro de uma análise do ambiente de trabalho dos mineiros, por ser o espaço onde mais tempo passavam. Como salientou Ava Baron: “o local de trabalho é um local-chave para a construção da masculinidade e da identidade masculina. O interrogatório da masculinidade mostra que ela é uma característica central, embora instável e contestada, da política trabalhista”.⁷

Em seguida, percorreremos outros espaços de sociabilidades masculinas, como os bares, as zonas de prostituição e as rinhas de galo, para identificar outros locais onde tais práticas eram reproduzidas socialmente. Portanto, a partir de aspectos de uma cultura de classe, será discutido como a construção da honra masculina e de suas práticas sociais estão imbricadas na formação da masculinidade dos mineiros como um elemento central de suas vidas.

4 ALVES, Ismael Gonçalves. Divisão sexual dos espaços: práticas e sociabilidades femininas e masculinas nas vilas operárias do sul de Santa Catarina (Brasil 1930-1960). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En ligne], Débats, mis en ligne le 27 octobre 2010. Acesso em: 15 jan. 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/60227>. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.60227>.

5 BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2007.

6 KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, p. 111, 1998.

7 “Research now demonstrates that the workplace is a key site for the construction of masculinity and male identity. Interrogation of masculinity shows it to be a central, albeit unstable and contested, feature of labor politics”. BARON, Ava. Masculinity, the Embodied Male Worker, and the Historian’s Gaze. **International Labor and Working-Class History**, n. 69, p. 143-160, Spring 2006. p. 145.

As fontes utilizadas para a pesquisa são múltiplas: desde fontes orais, processos da justiça cível, memórias autobiográficas de trabalhadores e militantes, além de variadas fotografias. O cruzamento dessas variadas fontes de pesquisa seguiu procedimentos e métodos da historiografia, necessários à crítica dos documentos para construção do texto.⁸

O ofício mineiro: virilidade e masculinidade

Os QUE TRABALHAM debaixo da mina, também chamado mineiros, são trabalhadores conhecidos mundialmente por exercerem uma das funções mais insalubres e perigosas já produzidas pelo ser humano. Vivendo boa parte de suas vidas no subterrâneo, a dezenas de metros da superfície, em abafadas galerias com temperaturas elevadas (de até 50°C), sob riscos constantes de acidentes e mortes, o trabalho de extração de carvão sempre impressionou pela robusteza que demandava do mineiro, considerado pela literatura como protótipo do trabalhador hercúleo.

Émile Zola, em seu célebre romance *Germinal*, narrou o encontro do jovem Etienne na mina de carvão Voreux, na França, com um velho carroceiro chamado “Boa Morte”, que recebera esse nome devido a ter escapado de inúmeros acidentes na mina. Etienne, com aparência de 21 anos, aspecto vigoroso, quando de sua chegada pergunta se aquilo era uma mina e se tinha emprego para operador de máquinas. Em seguida, o velho Boa Morte responde que: “Trabalho para operador de máquinas, não, não há. Ainda ontem apareceram dois, mas não há nada”.⁹ O jovem lança mais uma pergunta a Boa Morte, mas “desta vez o velho não pôde responder imediatamente, um violento acesso de tosse o sufocava. Por fim escarrou, e seu escarro fez uma mancha negra no chão avermelhado”.¹⁰ Essa visão produzida historicamente do mineiro como um corpo masculinizado¹¹ acabou por legitimar um discurso de um trabalhador heroico, destemido, ostentando símbolos de virilidade e de valentia. No entanto, esse trecho de *Germinal* também evidencia como as precárias e insalubres condições de trabalho levaram ao adoecimento e morte dos mineiros.

É notório que o ideal de masculinidade passou a ser compartilhado pelos próprios trabalhadores no grupo social mineiro, internalizando-o enquanto *habitus*, e reproduzindo-o como uma forma de enfrentar o subterrâneo da morte. Isso aparece nas memórias de Jorge Feliciano, que trabalhou como ajudante de mineiro em Criciúma nas décadas de 1950 e 1960: “Classificar o trabalho do mineiro de duro é eufemismo. O trabalho de mineração é exercido num

8 Algumas das obras utilizadas no trato metodológico das fontes: LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002. ALMEIDA, P. R. de; KOURY, Y. A. História oral e memórias – entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História & Perspectivas**, v. 27, n. 50, 27 ago. 2014.

9 ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 11.

10 Idem.

11 BARON, op. cit., p. 146.

ambiente com precárias condições de segurança, onde o risco de morte é sempre iminente, o que gera uma camaradagem entre os trabalhadores, fundamental à sobrevivência”.¹²

Além do “trabalho duro” reproduzir uma linguagem androcêntrica – que relaciona o trabalho com o falo –, Feliciano também menciona a existência de uma prática comum no primeiro dia de todos os trabalhadores no subsolo: a atribuição de um apelido. Essa era uma forma de iniciar o novato ao universo simbólico dos mineiros, permeado de “linguagem e regras próprias”,¹³ segundo o entrevistado. Conforme Feliciano, “às vezes os apelidos são mais difíceis de suportar (...) um operário da Carbonífera Próspera foi tachado, sabe-se lá por que razão, com o desagradável codinome de ‘Meu pau no teu cu’, o que gerou brigas e discórdia entre os trabalhadores”.¹⁴

Notamos em conversas com mineiros que essa linguagem própria de atribuir apelidos pejorativos aos colegas ainda é prática muito comum em toda região carbonífera.¹⁵ Muitas vezes esses apelidos faziam referência ao órgão sexual, como forma de afirmação da masculinidade ou da feminilidade dos trabalhadores.

Todos queriam receber apelidos destacados pela sua virilidade, isto é, todos queriam ser “machos”, e quando recebiam um apelido “afeminado” era motivo de chacota e divisionismos entre os trabalhadores.

A esse universo simbólico, somava-se uma ideia de “bravura”, expressa pelo mineiro e comunista Joaquim Celso de Lima em sua biografia no seu primeiro dia de trabalho no subsolo nas minas de Butiá, região carbonífera do Rio Grande do Sul: “Pela primeira vez subia das profundezas do solo junto com trabalhadores famosos mundialmente pelo sofrimento e bravura”.¹⁶ Segundo ele, quando ocorria um acidente fatal essa solidariedade atingia o seu ápice: “Nessa hora, aqueles homens que se submetem a todos os arreganhos dos patrões, são capazes de desobedecer até ao demônio que se anteponha aos seus sentimentos de solidariedade. [...] A cidade fica em guerra”.¹⁷ Nota-se, novamente, o uso de uma expressão sexualizada no discurso do mineiro, “**arreganhos dos patrões**”, para explicitar uma prática de dominação de classe. Pode-se interpretar dessa linguagem que a dominação do capital sobre o trabalho assemelhasse à dominação masculina sobre o feminino.

Todavia, a ideia de bravura que forma a identidade do mineiro também era permeada de conflitos e divisões instigadas pelas chefias. Marta Cioccarì, que estudou a ideia de honra e heroísmo entre os mineiros franceses e gaúchos, afirma que era uma estratégia utilizada “por

12 COIMBRA, David. **Atravessando a escuridão**: memórias de um comunista casual. Criciúma: Editora Unesc, 1996. p. 22.

13 Idem.

14 Idem.

15 Em conversas informais com os mineiros que trabalham atualmente na região de Criciúma, nota-se que ainda se faz presente a prática de se chamarem por apelidos, como um costume que perdura através do tempo.

16 LIMA, Joaquim Celso de. **Navegar é preciso: memórias de um operário comunista**. São Paulo: Diniz, 1984. p. 61.

17 Ibidem, p. 79, grifos nossos. Nota-se que o adjetivo “bravura”, utilizado para designar os mineiros, e o substantivo “arreganho”, com o sentido de submissão frente à ameaça, são expressões construídas historicamente no linguajar dos mineiros, para caracterizar relações sócio-históricas permeadas de uma ideia de masculinidade, conforme veremos no próximo subcapítulo.

parte das empresas carboníferas, a imagem de ‘herói do trabalho’ será evocada especialmente após as tragédias nas minas, como forma de fazer frente a greves e rebeliões e de chamar os mineiros ao cumprimento de seu dever”,¹⁸ no trabalho.

Com o medo da paralisação da produção em decorrência dos acidentes, os chefes utilizavam-se do atributo de “coragem” e “heroísmo” dos mineiros para os pressionarem no serviço. De modo a obterem o controle sobre a força de trabalho, no entanto, as chefias recorriam frequentemente a expedientes culturais fundados na desigualdade de gênero, de modo a aumentarem o ritmo de produção e impedirem a paralisação do trabalho.

Uma dessas estratégias era utilizada pelos feitores, que eram capatazes responsáveis pelo ritmo da produção nas minas de carvão do Sul e na mina de ouro de Morro Velho (MG), que sempre chegavam “brigando” com seus subordinados. Como disse um entrevistado à pesquisadora Yone de Souza Grossi:

Se fosse preciso, tinha que pegar um colega e sair para briga. Trabalhava aos gritos, provocando: “colher cheia e miúda!”. Isto quer dizer que a pá devia estar sempre cheia, sem parar, por causa do ritmo apressado do trabalho. Quando o carreiro era mais forte e aguentava o rojão, o feitor gostava e o apontava como exemplo: “Este sim, é colher cheia e miúda”. Isso queria dizer: **este é macho, é homem**.¹⁹

Essa cultura de valentia associada à masculinidade foi identificada em outras categorias de trabalhadores. Fernando Teixeira da Silva comenta que os portuários de Santos eram relacionados a uma cultura de valentia e de masculinidade onde a “ostentação de força e coragem expressa também uma cultura de insubordinação ao poder de mando dos chefes de serviço”.²⁰ Essa virilidade era verbalizada através de expressões de resistência física “surgindo rugas, briga de companheiros, chacota quando um trabalhador ‘não podia com a carga’”.²¹

Nas minas de carvão, geralmente essa forma de opressão se dava entre trabalhadores de hierarquias diferentes, como na relação entre capatazes e ajudantes de mineiros, seus subordinados. Em Criciúma (SC), o peneirador de carvão Ludgero Feliciano Machado²² trabalhava na Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA), recebendo um salário de Cr\$ 12,40 (cruzeiros, por dia); e “no dia 7 de julho [1944] estava a trabalhar, quando às 15 horas, mais ou menos, o feitor do serviço dirigiu-lhe dizendo: que pouca vergonha essa, a mesa das escolhedeiras não tem carvão!”.²³

18 CIOCCARI, Marta Regina. **Do gosto da mina, do jogo e da revolta**: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2010. p. 37.

19 GROSSI, Yonne de Souza. **Mina de Morro Velho**: a extração do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 60. Grifos meus.

20 SILVA, Fernando Teixeira da. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando T; FORTES, Alexandre (org.). **Culturas de Classe**. Campinas: Editora Unicamp, 2004. p. 210.

21 Idem.

22 Acervo Acidentes de Trabalho, Cedoc/Unesc, Vara da Fazenda da Comarca de Criciúma, Caixa 01, Processo n.º 101A0040, grifos meus.

23 Idem.

A mesa das escolhedeiras era o local onde os peneiradores, como no caso de Ludgero, deveriam colocar as pedras de carvão para serem escolhidas pelas trabalhadoras, com suas picaretas. Após essa reclamação do feitor ao operário de que a mesa das escolhedeiras não tinha mais carvão, Ludgero não se conteve, ao que o reclamante respondeu: “Seu Valdemar, eu não posso fazer mais forças do que tenho; estou assim como o sr. sabe porque estou inutilizado do pé no próprio serviço. E o sr. Feitor saiu para um lugar muito próximo e disse que o peticionário não trabalhava porque não queria, pois era um homem de saúde.” Então, Ludgero Feliciano Machado “novamente, respondeu, mas assim: ‘Mas o senhor não repara o meu sofrimento, então o senhor recebe as ferramentas que eu vou procurar os meus direitos!’”²⁴

Denota-se a pressão sofrida pelo trabalhador diante do capataz da mina, dizendo-lhe que era um “homem de saúde”, e que, portanto, deveria continuar a trabalhar. Entretanto, há mais um elemento fundamental nessa questão masculina. O atributo da “força física”, segundo depoimento do mineiro aposentado Cyro Manoel Pacheco, que trabalhou nas minas de Criciúma na década de 1950 e 1960, era importante em um período em que as minas eram manuais, em que a extração do carvão era feito na picareta, e seu transporte através de vagonetas que podiam chegar a pesar uma tonelada. Segundo Cyro, naquele tempo:

O mineiro cortava a rafa com a picareta, depois furava a trado, daqui a pouco explodia e depois escolhia o carvão; quando era galeria não, quando era galeria tinha que puxar a pedra para a rua, mas quando naquele tempo fazia o pilar, fazia e vinha de volta, mas tudo era cortado rafa e tocado fogo. Era tudo com carrinho, tudo na vagoneta. E uma boa parte do trilho era de madeira. Naquele tempo, o indivíduo ganhava dinheiro pela força física, quem era **mais forte ganhava mais**, quem era **mais fraco ganhava menos**. Porque quem era mais forte tirava mais carvão.²⁵

Esse aspecto da força física, de fato, poderia pesar para o pagamento ao final do mês, visto que o salário dos mineiros era pago conforme a produção por tonelada de carvão extraída. Interessante como nos casos acima relatados, os capatazes, pressionados pelas chefias superiores em aumentar o ritmo de produção, recorriam à masculinidade dos homens como um dispositivo de disputa e hegemonia na dominação de classe. Nos dois primeiros casos, um em MG e outro em SC, impunha-se um padrão de trabalho marcado pela noção de que um “homem de boa saúde”, ou “colher cheia e miúda” deveria ser. Desse modo, os mineiros preferiam escolher aqueles ajudantes que consideravam mais fortes, pois sabiam que poderiam encher mais carros de carvão em menos tempo e ganhar mais pela produção.

A característica de virilidade era utilizada pelos capatazes das minas como uma medida de pressão, construída diante dos outros trabalhadores como forma de aprovação do que era “ser homem”. Sobre isto, Bourdieu escreveu:

24 Idem.

25 Entrevista de Cyro Manoel Pacheco a Bruno Mandelli, Criciúma, 2 jun. 2020.

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.²⁶

Desse modo, a identidade cultural do grupo, marcada por noções como masculinidade e virilidade, era permeada, ao mesmo tempo, pela coesão e pelos conflitos internos alimentados pelas chefias e capatazes como uma forma de pressão para se aumentar a produtividade dos trabalhadores. Um não excluía a existência do outro. A reprodução da dominação masculina se dava nos espaços de trabalho, como forma de reforço da exploração do trabalhador, e fora dele. As noções de virilidade atribuídas ao homem másculo, segundo Eva Baron, moldam as relações de classe, e estas, por sua vez, retroalimentam as visões de masculinidade dos trabalhadores e nos fornecem elementos para uma visão mais totalizante da classe e de suas formas de protestos.²⁷

Portanto, a construção da masculinidade entre os mineiros fazia parte de um jogo em que deveria se provar, para si e para os demais membros do grupo, o que era ser um homem “macho”. O que incluía, obviamente, para além dos locais de trabalho, os espaços de sociabilidade masculina: os bares, as festas, as rinhas de galo e as zonas de prostituição, que discutiremos a seguir.

Bares, zonas de prostituição e rinhas de galo

UM MÉDICO que trabalhou, entre 1944 e 1953, nas minas de carvão de Criciúma foi o carioca Francisco de Paula Boa Nova Jr., formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ele escreveu um extenso relatório para o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) sobre os “desregramentos” e a “vida boêmia” à qual se entregavam alguns operários das minas de carvão. O relatório do médico foi escrito com a preocupação de melhorar a produtividade dos operários através de uma medicina do trabalho que atenuasse a fadiga industrial, apontando como solução a organização do trabalho e a prevenção dos acidentes através de uma racionalização das técnicas e uma melhor seleção dos empregados, de modo a prevenir os acidentes, tal como escreveu:

Os desregramentos de vida constituem outro fator importante na casuística da fadiga industrial e a eles se entregam com relativa frequência alguns dos operários da região carbonífera sul-catarinense. Tais desregramentos se apresentam sob várias modalidades, dentre as quais citam-se os **jogos de cartas** ou as **brigas de galos**, que prendem os operários por noites inteiras às vezes, mantendo-os em permanente estado de excitação nervosa pelas apostas a dinheiro efetuadas e não faltando também, em quase todas as rodas de jogo ou rinhas de galo, a indefectível **cachaça**.²⁸

26 BOURDIEU, op. cit.

27 BARON, Eva. Masculinity, the Embodied Male Worker, and the Historian's Gaze. **International Labor and Working-Class History**, n. 69, p. 143-160, Spring 2006. p. 145.

28 BOA NOVA JR., Francisco de Paula. **Problemas médico-sociais da indústria carbonífera catarinense**. Rio

A observação do médico estava embebida pela teoria do fator humano (corrente em voga da medicina do trabalho, que atribuía ao operário a principal responsabilidade pela prevenção do acidente). Maria Izilda Santos de Matos argumenta que os médicos higienistas do começo do século XX preocupavam-se com três grandes fatores da “decadência do povo brasileiro: o alcoolismo, a loucura e a criminalidade”,²⁹ identificando-os como faces da desordem e da vadiagem. Revela, além disso, uma visão ideal de masculinidade, em que o comedimento, a racionalidade e a disciplina eram valorizados como símbolos do operário padrão.

Essa visão disseminada pela elite intelectual, contudo, não deixa de estar intimamente relacionada à disciplina industrial na ordem capitalista, pois requer que todas as forças do trabalhador estejam voltadas para o trabalho, considerado desperdício e prejudicial todas as formas de “vícios” que desviem o trabalhador do seu objetivo principal: o de produzir. Entretanto, esse ideal de masculinidade hegemônica não era compartilhado pelos subalternos, que quase diariamente se reuniam após o trabalho nas bodegas para conversarem sobre os problemas do cotidiano laboral ou outros assuntos, quase sempre acompanhados de alguma bebida alcoólica junto, como pode-se observar pela fotografia abaixo.

Fotografia 1 – Mineiros reunidos depois do trabalho, Criciúma, década de 1950.



Fonte: acervo de imagens Cedoc/Unesc.

Na fotografia acima, nota-se mineiros reunidos em torno de uma mesa depois do trabalho, conversando sobre algo do seu cotidiano. Alguns vestidos com camisa, outros sem, mas todos

de Janeiro: Departamento de Fomento da Produção Mineral, 1953. p. 66, grifos meus.

29 MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000. p. 57.

com chapéus ou boinas, vestimenta característica desses trabalhadores para os proteger do frio ou calor excessivo e da queda de pequenas pedras no subterrâneo. Além disso, nota-se a presença de dois utensílios muito utilizados pelos operários: a luminária de carbureto, que levavam para debaixo da mina para iluminar seu local de trabalho, e uma garrafa de alguma bebida alcoólica. Muitas vezes, também, era nas rodas de conversa e em bodegas que se organizava alguma ação política ou greves, momentos que se debatiam os problemas do trabalho e as reivindicações salariais. Além desses utensílios, nota-se que todos estão com suas bicicletas ao redor, pois era um meio de transporte muito comum na época.

Os bares, ou botequins, eram um dos locais de sociabilidade mais significativos no cotidiano dos trabalhadores desde o começo do século XX, como destacou Queirós sobre a importância desses espaços no contexto da Primeira República: “É nesse ambiente que estes trabalhadores jogam conversa fora, trocam suas experiências, comentam sobre o dia exaustivo, conversam sobre futebol e, até mesmo, planejam estratégias associativas”.³⁰ Após um dia de trabalho exaustivo, o boteco poderia ser um lugar de descontração onde os mineiros podiam esquecer um pouco dos riscos do trabalho que os acompanhava diuturnamente. Mas não apenas isso. Os botecos eram locais públicos, onde somente os homens tinham acesso.

Às mulheres, além do trabalho como escolheiras, era reservado o espaço doméstico, cuidando dos filhos, cozinhando, limpando a casa. A responsabilidade pelo “rancho” (compra de mantimentos) era delas, bem como a administração da casa. Elas que iam ao açougue, à venda e ao lavadouro. Segundo pesquisa de Alves, esses espaços “tornaram-se ambientes mais propensos a reuniões de mulheres por estarem relacionados ao cotidiano da vida doméstica”.³¹ A casa era o espaço delas por excelência, mesmo que trabalhassem fora – como o caso das escolheiras –, ao passo que os bares e bordéis eram locais de sociabilidade exclusivos aos homens.

Em meados do século XX, havia um local que mesclava o consumo de bebida alcoólica, a jogatina e o comércio sexual. Trata-se de uma vila de prostituição construída no final da década de 1940, em Criciúma, que recebeu o nome de “Maracangalha”.³² Começou com uma casa, e, aos poucos, foram sendo construídas outras no mesmo terreno, em uma região mais afastada da cidade. Com o tempo, o local passou a ser o principal centro de prostituição da região carbonífera, frequentado por boa parte dos trabalhadores das minas de carvão da

30 QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Conflitos e sociabilidade: os bares e cabarés de Porto Alegre no contexto das greves da Primeira República. *Hist. R.*, Goiânia, v. 21, n. 3, p. 110-125, 2016.

31 ALVES, Ismael Gonçalves. Divisão sexual dos espaços: práticas e sociabilidades femininas e masculinas nas vilas operárias do sul de Santa Catarina (Brasil 1930-1960). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 27 octobre 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/60227>. Acesso em: 15 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.60227>.

32 Segundo pesquisa de Adriana F. Vieira: “A palavra Maracangalha ficou famosa pelo samba que se tornou um fenômeno musical no carnaval de 1956. Além de designar o nome de um distrito, passou a ser sinônimo de festa e boemia. O novo sentido que a palavra passou a ter e que foi immortalizado pela canção do compositor baiano foi muito sugestivo para a população de Criciúma denominar a nova zona do meretrício que vinha se formando na cidade há alguns anos”. FRAGA, Adriana Vieira. *Maracangalha: “vilarejo das desocupadas”: espaço de prostituição e boemia na região carbonífera catarinense (1955-1980)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 22.

cidade. Segundo pesquisa de Adriana Vieira, “boa parte dos lucros da prostituição e da jogatina clandestina vinha diretamente do salário dos operários mineiros que tinham sua presença na prostituição problematizada pela família, pela igreja e pelas empresas mineradoras que constituíam a força econômica da cidade”.³³ A autora cita vários casos de operários que recebiam seus salários na sexta-feira, tomavam um banho no local de trabalho e iam para a “Maracangalha” onde gastavam quase todo seu dinheiro, retornando para casa apenas na segunda-feira.³⁴

Esse fato não passou despercebido pelo médico Francisco de Paula Boa Nova Jr., preocupado com a “fadiga” dos operários que passavam noites inteiras na jogatina e na vida boêmia. Segundo seu relatório:

A vida boêmia a que certos operários de Criciúma se entregam, alguns mesmo legalmente casados, constitui outro desregramento de vida que concorre preponderantemente para a existência de muitos casos de fadiga entre o operariado da região. Noitadas, alegres em antros sórdidos povoados de infelizes mercadoras em precárias condições de saúde, subalimentadas e portadoras das mais variadas enfermidades, entre as quais já foram constatados até casos de tuberculose aberta, afora as que comumente campeiam nos ‘bar fonds’ de todas as cidades, são passadas em claro por muitos operários, num desperdício de dinheiro, ganho à custa de inauditos esforços, de saúde, às vezes bastante precária, e de energia quase sempre minguada. Além de serem fatores importantes na ocorrência da fadiga, tais desregramentos constituem também causas ponderáveis da baixa eficiência do operariado das minas.³⁵

A visão do médico estava voltada para os efeitos nocivos que o álcool e as relações sexuais em locais de prostituição geravam sobre a fadiga industrial, apontando-as como as principais causas da “baixa eficiência do operariado das minas”. Esse discurso foi construído ao longo do processo de urbanização pelo qual as cidades passaram, procurando demarcar os lugares que os operários deveriam ou não frequentar. Matos salienta que: “O discurso médico acompanhou tais mudanças, apresentando o bar, o cabaré e botequim em oposição à fábrica, à oficina, ao escritório, espaços do trabalho e ao espaço do lar”.³⁶ Aqueles eram os fomentadores da indisciplina e libertinagem, “causando problemas no trabalho e a ruína doméstica”.³⁷ Nota-se que o médico não fala da presença de mulheres nesses espaços, apenas menciona as “infelizes mercadoras”, adjetivando o sexo sem nomeá-lo. Denota-se, novamente, a dominação masculina sobre os corpos sexualizados das mulheres que trabalhavam naqueles locais.

33 Ibidem, p. 34.

34 Esses fatos implicavam muitas brigas entre os casais, que chegavam até mesmo a virar motivo de ocorrência policial, como cita Fraga: “Algumas ocorrências policiais foram registradas por esposas preocupadas com o desaparecimento de seus homens. Em geral, haviam saído de casa portando o salário do mês ou uma boa quantia em dinheiro. Numa dessas situações, uma esposa preocupada com as despesas do mês presta queixas à polícia sobre o sumiço do marido e do salário. A polícia não teve dúvidas, já que rumou diretamente para a Maracangalha, mas não conseguiu convencê-lo a voltar para casa”. FRAGA, op. cit., p. 34.

35 BOA NOVA Jr., op. cit., p. 66.

36 MATOS, op. cit., p. 75.

37 Ibidem.

Por outro lado, esse discurso da moralidade era bem recebido pelas autoridades públicas. As mulheres dos mineiros, preocupadas com os vícios dos seus maridos, que acabavam gastando quase todo ordenado mensal na “Maracangalha”, começaram a se organizar e protestar às autoridades públicas, enviando cartas e abaixo-assinados ao juiz da comarca de Criciúma Francisco May Filho, que os enviava para o delegado de polícia investigar:

Desde que o atual delegado de polícia chegou a esta cidade tem procurado extirpar do meio social a referida contravenção, atendendo a vários pedidos de inúmeras senhoras pobres desta região, que veem o minguado salário do marido corroído pela inflação e pelo jogo do bicho (...). Pelas minhas mãos já têm passado vários “abaixo-assinados” de mães de famílias aflitas, desta cidade e vilas próximas, solicitando seja tomada alguma providência para coibir o abuso da jogatina, requerimentos que tenho invariavelmente encaminhado ao sr. delegado de polícia.³⁸

Para além da visão das fontes da época, médicas e judiciais, que viam a prostituição como um local de promiscuidade, interessa-nos compreendê-la do ponto de vista de uma cultura de classe e como um espaço de legitimação da honra masculina. Um local onde a virilidade era um ideal que precisava ser constantemente provado perante outros homens, de modo a se alcançar o ideal de homem hegemônico (inclusive em relação aos superiores “engenheiros” e “chefes”), tal como constatou Barrientos em um estudo sobre a masculinidade dos mineiros de cobre no norte do Chile, na cidade de Calama.

Lá os trabalhadores das minas frequentavam as *Schoperías*, casas de chope onde o comércio sexual, o uso de drogas e o consumo abusivo de álcool se misturavam em um ambiente de entretenimento masculino voltado para a construção das características que alimentam o ideal de homem hegemônico: “*conquista, virilidad, fuerza perenne, actitud competitiva y rol provedor*”.³⁹ Pode-se relacionar essas duas realidades díspares como espaços de símbolos de virilidade, embora os autores tenham realizado essa pesquisa recentemente (entre 2006 e 2007) e estejamos trabalhando com uma temporalidade mais recuada, entre os anos 1950 e 1965.

Além das zonas de prostituição e bares, queremos destacar outra forma de manifestação social da masculinidade, onde os produtores de padrões hegemônicos e subalternos se encontravam: as rinhas de galo. Largamente disseminadas pelo Brasil afora, as rinhas de galo estão presentes ao longo da história do país, embora tenham sido proibidas em 1961 pelo então presidente da República Jânio Quadros (Decreto n.º 50.620). Contudo, o decreto de Quadros não teve vida longa, pois no ano seguinte foi extinto por Tancredo Neves, conhecido por sua paixão pelas rinhas de galos. Até bem pouco tempo as rinhas de galo eram legalizadas no país (1998), sendo aprovadas leis regulamentando sua prática em vários estados brasileiros como em Santa Catarina (Lei n.º 11.366, de 4 de abril de 2000).

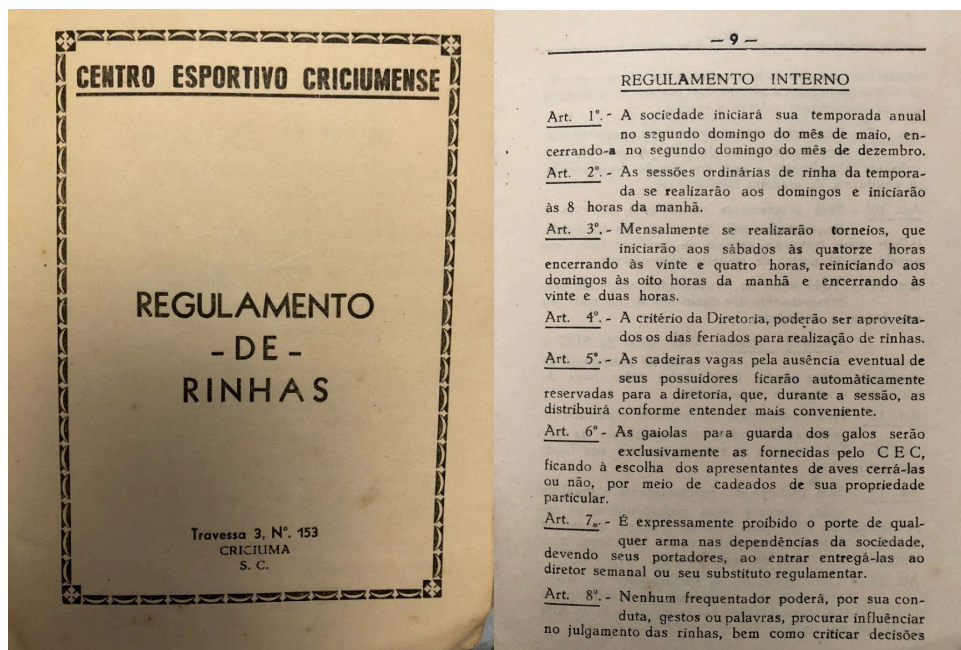
38 Processo n.º 677, Pacote 23/1964, 6 abr. 1964. Arquivo da 1ª Vara Criminal do Fórum de Criciúma.

39 BARRIENTOS, op. cit. Essas características do ideal de homem hegemônico se mesclam, embora o “rol provedor” a que se refere Barrientos possa ser ameaçado quando os operários gastam o dinheiro do salário com bebida e prostituição.

No município de Criciúma sua prática era comum entre trabalhadores e patrões, constituindo um espaço de sociabilidade e entretenimento masculino. Entre os anos de 1950 e 1970, havia uma rinha de galo no centro da cidade, construída por um rico administrador de uma mineradora. Segundo entrevista com Tayrone Mandelli: “naquela época era permitido, não tinha fiscalização (...), mas não era um espaço aberto, era tudo meio fechado, só podia participar quem era sócio”.⁴⁰ Hoje com 59 anos, o entrevistado lembra que “quem tinha a propriedade da rinha eram pessoas de posse, porque precisava de muito investimento no local, com a construção da arena (redonda e toda acolchoada), as arquibancadas e as cantoneiras onde ficavam os galos, então quem as construía eram os administradores das minas”.⁴¹

O funcionamento dessas rinhas eram regulamentados por uma sociedade, chamada Centro Esportivo Criciumense (CEC), que elaborava uma cartilha com as regras de funcionamento das rinhas de galo, como pode-se observar pela imagem abaixo:

Fotografia 2 – Regulamento das rinhas de galo feito pelo Centro Esportivo Criciumense.



Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc/Unesc).

O regulamento definia as normas de funcionamento das rinhas de galo, estabelecia, por exemplo, que: “Art. 2º - As sessões ordinárias de rinhas da temporada se realizaram aos domingos e iniciaram às 08 horas da manhã”. Domingo era o dia de folga dos operários, por esse motivo marcado para acontecer as rinhas. Segundo Mandelli relembra de sua memória do período da infância: “Meu pai, que era capataz da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá, sempre me levava nos domingos para assistir às rinhas. Ele tinha vários galos

40 Entrevista de Tayrone Mandelli (pai do autor e filho de trabalhador da mina C.B.C.A) a Bruno Mandelli em 19 de janeiro de 2021, Criciúma.

41 Idem.

que eram bons de briga, eram galos ingleses que ele criava e treinava para as rinhas”.⁴² Cabe ressaltar que, pelo art. 18 do regulamento da CEC, era “terminantemente proibida a entrada de menores de 18 anos nas dependências da sede. Tal proibição se estende também aos filhos dos associados”.⁴³ No entanto, de acordo com o entrevistado, essa regra não era cumprida, pelo fato de que era uma prática cultural dos mineiros levarem seus filhos homens para assistirem às rinhas: “Eu tinha 7 anos e sempre ia assistir os galos do pai brigar (...) isso era muito comum, na época os meninos iam junto com os pais para irem se acostumando com aquilo”.⁴⁴

Se acostumar com “aquilo” pode ser compreendido como um processo de iniciação dos meninos ao ideal de masculinidade hegemônico que deveriam assimilar conforme os padrões estabelecidos pela sociedade. Nesse aspecto, concorda-se com o conceito de masculinidade hegemônica proposto por Connel e Messerschmidt como sendo normativo:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legítima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.⁴⁵

No caso analisado, uma das formas de se posicionar perante a masculinidade hegemônica era a briga de galo, pois participavam desse esporte operários, capatazes e patrões.⁴⁶ A briga de galo, como representação simbólica do universo masculino, era permeada de valores sociais tidos como positivos: virilidade, coragem, força, resistência e combate. Tal como comentou o historiador inglês Keith Thomas:

O galo era um símbolo de coragem masculina e façanhas sexuais (duplo sentido muito importante). “Ele lutava até a morte, ainda que cegado ou gravemente ferido; era louvado por sua ‘coragem invencível’ e sua ‘resolução’, e o próprio esporte era elogiado como uma diversão nobre e heroica”.⁴⁷

Essa observação de Thomas sobre as lutas de galos no período moderno, como um processo de domesticação da natureza selvagem pelo homem, pode ser relacionada ao caso estudado. Através do duelo dos animais, os homens simulavam seus duelos particulares, colocando à prova suas qualidades masculinas como: virilidade, coragem, bravura e resistência. Eram momentos de reforço da heteronormatividade, em que o vencedor era reconhecido como um

42 Idem.

43 Regulamento das rinhas de galo feito pelo Centro Esportivo Criciunense. Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc/Unesc).

44 Entrevista de Tayrone Mandelli (pai do autor) a Bruno Mandelli em 19 de janeiro de 2021, Criciúma.

45 CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2021.

46 “Muitas vezes participavam operários que levavam seus galos para disputar contra os galos dos patrões”. Entrevista de Tayrone Mandelli (pai do autor) a Bruno Mandelli em 19 de janeiro de 2021, Criciúma.

47 THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 219.

galo viril e bom lutador, e, por extensão, seu dono. Do outro lado, o perdedor, no entanto, não era visto como derrotado completamente. Embora perdesse a luta e as apostas feitas, ainda assim possuía algumas qualidades valorizadas: a coragem de ter enfrentado seu oponente, a resistência por ter aguentado as pancadas e a honra de não desistir da luta. Era um duelo viril, em que a honra masculina valia tanto ou mais do que o dinheiro investido no combate.

Duas regras do CEC que diziam respeito aos espectadores das rinhas nos chamaram a atenção: “Art. 7º – É expressamente proibido o porte de qualquer arma nas dependências da sociedade, devendo seus portadores, ao entrar, entregá-las ao diretor semanal”.⁴⁸ E o art. 9º: “Fica terminantemente proibida a permanência, nas dependências do CEC, de pessoas visivelmente alcoolizadas, e que em virtude deste estado, se conduzam de maneira inconveniente”.⁴⁹ Esses dois artigos somados demonstram a preocupação da diretoria em impor normas para que os duelos ficassem restritos aos animais, não se estendendo aos seus proprietários. Pois, caso uma disputa fosse considerada injusta ou ilegal, que fosse decidida pelos juízes do conflito e não em desavenças pessoais que pudessem extrapolar os limites “civilizados” das rinhas de galo. Desse modo, proibir o porte de armas e a permanência de pessoas “visivelmente alcoolizadas”, era uma medida de impor limites ao combate viril.

Em 1969 as autoridades policiais tentaram encerrar as atividades do CEC. O delegado regional de polícia Helvídio de Castro Veloso enviou um ofício em 7/7/1969 determinando o fechamento da rinha de galo, baseando-se na Lei de Contravenções Penais, pelo fato de os animais estarem submetidos a “trabalho excessivo ou tratados com crueldade, em exibição ou espetáculo público”.⁵⁰ Tal notícia, no entanto, não foi bem recebida pelos “galistas”, que ingressaram na Justiça com um mandado de segurança contra tal ato considerado por eles como “arbitrário”.⁵¹ Na fundamentação do mandado, o CEC argumenta que foi criado em 3 de junho de 1956, reunindo inúmeros aficionados conhecidos popularmente como “galistas”, “isto é, pessoas criadoras e domadoras de galos da raça combatente ‘inglesa’”.⁵² Que construiu com o dinheiro dos associados uma sede própria de 550 m², instalando nela diversas rinhas de combate, serviços de bar, arquibancadas, “enfim todo o indispensável a uma sede do brasileiríssimo esporte de briga de galos, que naquela época era perfeitamente autorizada por lei”.⁵³

Percebe-se no discurso elaborado pelos diretores do CEC a tentativa de justificação das rinhas de galo pelo fato de ser considerado um esporte nacional, arraigado à cultura popular do brasileiro. Trata-se, evidentemente, de uma narrativa construída para dar legitimidade ao ato jurídico (mandado de segurança). Anexo ao mandado de segurança, a CEC colocou uma

48 Regulamento das rinhas de galo feito pelo Centro Esportivo Criciumense. Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc/Unesc).

49 Idem.

50 Mandado de Segurança contra a proibição das rinhas de galo na cidade de Criciúma, ano 1969. Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc) da Unesc.

51 Idem.

52 Idem.

53 Idem.

reportagem da revista *Veja*, de 1969, sobre as rinhas de galo no Brasil, interessante ser analisada:

Reportagem da revista *Veja*, fevereiro de 1969.



Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc) da Unesc.

O título da reportagem “Dá-lhe, meu galo” e o subtítulo “São homens que chegam de toda a parte, esquecendo negócios e família, para não perder as emoções do torneio”, reforçam um ideal de masculinidade hegemônica construído pelo editorial da revista. Ele permite interpretar que a briga de galo era um esporte só de homens, que se tornam frequentadores das rinhas para esquecer seus “negócios e família”, isto é, seu trabalho e sua vida doméstica, convivendo com as “emoções do torneio”.

Para participar das apostas nas rinhas de galo, no entanto, era preciso ter uma quantia considerável para investir. Trabalhadores pobres dificilmente conseguiriam ter acesso às apostas das rinhas de galo, na maioria das vezes apenas compravam ingressos para assistirem às brigas. Essa parece ser uma preocupação do editorial da revista *Veja*, que entre uma página e outra da reportagem, coloca propagandas direcionadas para seu público-alvo:

Interessante analisar o anúncio do Ford LTD: “o carro menos vendido do Brasil”, para em seguida transmitir a mensagem: “Como o nome já indica, é um automóvel de produção limitada. Feito assim em pequena escala, o Ford LTD é um automóvel exclusivo”.

Reportagem da revista *Veja*, fevereiro de 1969.



Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc) da Unesc.

Qual comparação pode ser feita entre a reportagem da revista *Veja* sobre as rinhas de galo e a propaganda da Ford? O público a que era destinado o carro de luxo era das classes mais abastadas da sociedade, assim como quem poderia investir grande quantia de dinheiro nas rinhas de galo.

Desse modo, há uma contradição no discurso apresentado pela diretoria da CEC na justificativa de seu mandado de segurança: a propaganda e a reportagem da revista *Veja* dão a entender que a briga de galo era um esporte exclusivo, a que poucos tinham acesso. Já no mandado de segurança, os diretores enfatizam o fato do esporte ser “arraigado na cultura popular brasileira”, transmitindo a ideia de que era frequentado por todas as classes sociais.

Além disso, os diretores contra-argumentam a afirmação do delegado de que os galos eram tratados com crueldade ou trabalho excessivo. Afirmam no mandado de segurança que não poderiam ser enquadrados em tal dispositivo, pelo fato de que seus animais recebiam o mais fino trato pelos seus proprietários, como segue:

Desde pequeno, vê-se o animal, tratado com a melhor das atenções, com inúmeras despesas em rações, remédios, vacinas, massagens, despesas com o tratador, treinador etc. O instinto de luta, de ‘briga’ do galo combatente, não é forçado, não é criado, e sim, unicamente, desenvolvido, treinado, eis que, a raça dos galos combatentes já nasce com o instinto voltado à briga. Ao nascer o pinto, merece ele cuidados especiais, pois, tão logo chega à idade de frango, machos e fêmeas devem ser separados uns dos outros, pois, basta um ou outro incidente, para que o instinto os faça brigar entre si, irmão com irmão, até a morte (...). No caso das brigas de galo, não existe crueldade.

Permita-se, unicamente por uma questão de apostas em recinto público, que os animais em luta deem vazão aos seus instintos, lutando enquanto podem, vencendo, ao final, aquele que maior fibra possui, melhor garra demonstra, em virtude do seu físico aprimorado pelo tratador.⁵⁴

O ofício do delegado regional de polícia ao presidente da CEC Amadeu da Luz, em 7 de julho de 1969, que comunicava o fechamento da rinha de galo, argumenta que além de se basear no dispositivo da lei já citado, segue orientações do secretário de Estado da Segurança Pública, “conforme reiteradas circulares recebidas por esta delegacia de polícia”.⁵⁵

Contudo, diante da inexistência de lei que proibisse as rinhas, o juiz de direito da comarca de Criciúma concedeu a liminar ao mandado de segurança impetrado pelo CEC. Em sua decisão: “Concedo, liminarmente, a segurança requerida, por desconhecer até o momento qualquer lei ou determinação legal proibindo a briga de galos existente em todo o país, mesmo porque se a medida não for deferida de pronto, a proibição acarretará prejuízos irreparáveis à sociedade impetrante (...)”.⁵⁶ Desse modo, as rinhas de galo do Centro Esportivo Criciumense, frequentadas por ricos mineradores da cidade que faziam suas vultosas apostas, e pelos trabalhadores das minas de carvão, que assistiam às brigas de galo, continuou em funcionamento até o ano seguinte, quando, por decisão do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, foi fechada em 12 de julho de 1970. Abaixo uma foto do CEC, que se encontra em anexo ao mandado de segurança:

Fotografia 4 – Sede do Centro Esportivo Criciumense, fundada em 3/6/1956 e fechada em 12/7/1970, onde funcionavam as rinhas de galo.



Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc) da Unesc.

54 Mandado de Segurança contra a proibição das rinhas de galo na cidade de Criciúma, ano 1969. Fonte: Acervo do Centro de Memória e Documentação (Cedoc) da Unesc.

55 Idem.

56 Idem.

Considerações finais

ESTE ARTIGO problematizou a construção das masculinidades e da cultura de virilidade na categoria dos mineiros de carvão no Sul do Brasil, na região carbonífera de Criciúma/SC. A questão central que norteou este artigo foi a tentativa de responder como que se engendrava esse processo de dominação masculina através de símbolos do universo masculino partilhado pelos mineiros.

Por meio da análise das suas relações nos espaços de trabalho e fora dele – nos bares, zonas de prostituição e rinhas de galo – constatou-se que o ideal de masculinidade hegemônica, longe de ser um espaço de consenso, era lugar de tensão e de conflitos pelo fato de que precisava ser validado constantemente perante o grupo social do qual fazia parte (trabalhadores das minas de carvão). Essa necessidade de validação se dava, entre outros motivos, pelo fato de que a posição social atribuída aos mineiros era baseada em critérios que giravam em torno da honra masculina: virilidade, coragem, força, bravura, resistência e combate. Essas características (tidas como qualidades), eram instigadas pelas chefias dos trabalhadores e seus capatazes, que procuravam extrair ao máximo o esforço do trabalhador através de disputas internas e divisionismos. Essas disputas ampliavam-se para além dos locais de trabalho, nas rinhas de galo, um duelo viril onde aos vencedores era atribuída a consagração máxima das qualidades masculinas já elencadas. Dessa maneira, a cultura masculina era um forte componente na vida dos trabalhadores do carvão, e a construção da honra masculina era um elemento central que estava em permanente disputa tanto entre patrões e operários quanto entre os próprios mineiros.

Recebido em 11/07/2021

Aprovado em 23/08/2021